

Transcrição
Memórias do Brasil
Lia Robatto

<https://vimeo.com/225915012>

(V.O) LIA ROBATTO: Quando eu cheguei na Bahia eu tinha 17 anos e Mario Cravo

(PM) LIA ROBATTO: Nos levou para conhecer um Candomblé.

Duas mulheres dançam na praia.

(V.O) LIA ROBATTO: Quando terminou a festa, vieram duas Oxuns manifestadas e elas disseram: "Você deve tomar um banho de água de rosa branca!"

(PA) LIA ROBATTO: Eu não me lembro tudo, eu não prestei muita atenção, se eu soubesse... Ai que vontade de voltar no tempo! Pra, pra ver essa cena.

Batuques ao fundo, duas mulheres dançando na praia.

(V.O) LIA ROBATTO: Dalí quando terminou toda a festa, fomos todos para a Lagoa do Abaeté. Eu, andando, vi uma rosa branca enfiada na área.

(PM) LIA ROBATTO: Eu assim... ingenuamente peguei e falei: "Olha o que eu achei! "

Batuques ao fundo, duas mulheres dançando na praia.

(V.O) LIA ROBATTO: Eu nem dei muita importância a isso.

(PM) LIA ROBATTO: Mas, depois, interpretei isso como um sinal de Oxum...

Lia Robatto na praia.

(V.O) LIA ROBATTO: que eu tava sendo, Bem-vinda, na Bahia!

Vinheta de abertura.

Bloco 1

(PM) LIA ROBATTO: A dança para mim sempre foi e ainda é, tudo! É tudo na minha vida.

(PM) CHICO LIBERATO: Lia Robatto é um dos grandes personagens que contribuiu para o desenvolvimento da Arte.

(PM) BETH RANGEL: Uma mestra da dança, mestra da vida, dos processos de criação.

(PM) MURILO RIBEIRO: Uma grande coreógrafa da Bahia, do Brasil né? E uma amiga muito querida.

(PM) PEDRO ROBATTO: Quando eu fiz meus estudos de Música na Alemanha. E, eu encontrei pessoas que conheciam minha mãe e eu em Berlim.

(PM) LIA ROBATTO: Eu me envolvi tanto com a dança, em tantos aspectos que ela determinou...

(V.O) LIA ROBATTO: Toda a minha trajetória.

Sobe som, fotos de arquivo.

(V.O) DINA TOURINHO Porque ela é meio que onipresente, onde "cê" vai uma ação que seja minúscula de Bairro, Lia tá.

(PM) DINA TOURINHO: Uma ação que é de grande porte da dança Lia tá. Você vai numa coisa que envolve pesquisa, Lia tá.

(PM) BETH RANGEL: E a partir dos processos artísticos, dos processos criativos que a gente vivia, aquilo era um campo de aprendizagem enorme.

(PM) LUCAS ROBATTO: E o trabalho dela, ultrapassou, um pouco a barreira do, do, do, da realização somente dela. Ela construiu muita coisa, influenciou muita gente.

(PM) MÁRCIO MEIRELLES: É um DNA que vai se transformando, vai passando de um para o outro, vai agregando outras influências, mas, o DNA dela tá em muitos lugares, não só na Dança, no Teatro, nas Artes Visuais, no Cinema.

(Sobe som, imagens de arquivo)

(V.O) TUZÉ DE ABREU: Lia Robatto para mim é uma pessoa, é uma super Baiana, que faz parte de um núcleo especial de super Baianos, que...

(PM) TUZÉ DE ABREU: Não tendo nascido na Bahia, se tornaram mais importantes do que a maioria dos Baianos.

(PA) SUKI GUIMARÃES: Nasceu em São Paulo, cedo, aos 8 anos, 7 anos, foi pra Escola de Bailados do Teatro Municipal de São Paulo...

(PM) LIA ROBATTO: Que até hoje existe, e recentemente eu fui dá aula lá, muito emocionada por ter sido minha iniciação.

E eu me dei muito mal lá, não era uma boa aluna de balé clássico.

(V.O) LIA ROBATTO: Mas continuava gostando de dança.

Sobe som, imagens de arquivo.

(V.O) LIA ROBATTO: Eu era a terceira filha de 4. Minha mãe era artista plástica, meu pai, poeta, poeta concreto.

(PM) LIA ROBATTO: Um intelectual radical! Absurdamente a gente não ouvia rádio em casa.

(V.O) LIA ROBATTO: Mas em compensação a gente ouvia música clássica "adoitado". E daí era música que eu ouvia, era a música que eu dançava. Então, eu dançava espontaneamente como criança Stravinsky, Mozart...

(Sobe sons e imagens de arquivo)

(V.O) LIA ROBATTO: Daí meu pais, leram e ouviram falar, que ia abrir um concurso, para...

(PM) LIA ROBATTO: Criarem uma companhia de dança moderna, que não existia ainda no Brasil, a não ser, uma ou outra refugiada de guerra que tinha parado por aqui.

(V.O) TUZÉ DE ABREU: Unhaca Rustica, aquela professora de dança polonesa.

(Sobe som e imagens de arquivos)

(V.O) LIA ROBATTO: E eles acharam, "Quem sabe a Lia não vai gostar disso?" Tinham mais de 200 candidatos, tudo profissional.

(V.O) SUKI GUIMARÃES: Então aos 12 anos ela fez audição do grupo e passou!

(PM) LIA ROBATTO: Ela me abriu uma perspectiva que eu amei! Eu de cara amei!

(Sobe som, imagens de arquivos)

SUKI GUIMARÃES (V.O): Ela disse que Unhaca, acha que Unhaca gostava tanto dela, por que...

(PM) SUKI GUIMARÃES: Ela não tinha nada impresso ainda no corpo né?! Era um corpo muito livre.

(V.O) SUKI GUIMARÃES: E que pra um coreógrafo, seria, é, vamos dizer, um experimento muito interessante.

(V.O) LIA ROBATTO: Ela cobrava expressão, um simples "Plié", num simples "Port de Bras", num simples "Tandi", ela queria que a gente desse a alma, expressasse alguma coisa naquilo.

(PM) LIA ROBATTO: E eu muito menina, muito nova, entendia aquilo e me jogava inteiro. Então eu me dava bem.

(V.O) LIA ROBATTO: E Daí eu findei sendo a solista dela.

(V.O) SUKI GUIMARÃES: E tinha uma formação muito ampla pra esse grupo das alunas de dança, que passava pelas artes visuais, pela música, pelos estudos contemporâneos da arte.

(PM) SUKI GUIMARÃES: E a experiência da dança no palco também né? Que isso é muito bacana para a formação do artista.

(PM) LIA ROBATTO: E ela em 56

(V.O) LIA ROBATTO: Veio para Bahia para fundar a escola de dança da Universidade, a primeira do Brasil.

(V.O) BETH RANGEL: base já era uma referência contemporânea, não era uma escola de ballet clássico.

(V.O) LIA ROBATTO: A escola de Dança já nasceu sobe o signo da modernidade.

(V.O) BETH RANGEL: e você perguntar o que é a Escola de Dança da Ufba? Muita gente pergunta qual é a dança que faz lá? Então aqui faz-se danças contemporâneas né? Por que então eu acho que a dança contemporânea não é uma são várias né!

(V.O) LIA ROBATTO: E um ano, um ano e meio depois, ela nos chamou para vir eu e mais duas dançarinas, só três, porquê o dinheiro só dava pra isso.

(PM) LIA ROBATTO: Pra vim completar um grupo de alunos que estavam preparando o espetáculo.

(V.O) LIQ ROBATTO: Na hora ir embora a Unhaca me perguntou: "Você gostaria de voltar pra ser minha assistente?" Ai eu levei aquele susto! Só que neste inter eu conheci Silvio e tava apaixonada por Silvio.

(PM) LIA ROBATTO: Silvio foi a pessoa mais importante da minha vida!

(Sobe sons, imagens de arquivo)

(V.O) LIA ROBATTO: Ele era fotógrafo, e a Unhaca convidou e pediu para ele fotografar o nosso ensaio geral. Eu lembro dos olhos dele ai eu falei: "Ai que rapaz bonitinho." Então eu dançando e olhando pra ele ali.

(PM) LIA ROBATTO: E assim, que acabou o ensaio, ele foi correndo para casa.

(V.O) LIA ROBATTO: E revelou uma foto minha e trouxe a foto ainda molhada. Quando ele me mostrou a minha foto, pronto, me derrubou total. E a partir daí ele perguntou: Você quer uma carona? Carona dessa que nunca mais a gente desgrudou.

(V.O) LUCAS ROBATTO: A troca o tempo todo entre eles.

(PM) LUCAS ROBATTO: Profissional, artística sem falar em todo o aspecto pessoal, amoroso, tudo.

(V.O) PEDRO ROBBATO: A fotografia de Silvio é completamente, contaminada por Lia. E o trabalho de Lia também é contaminado pelo, pela fotografia de Silvio.

(V.O) BETH RANGEL: É um luxo. Foi registrado pelo marido, por um olhar de um artista e de um artista apaixonado, sensível.

(PM) SUKI GUIMARÃES: É um arquiteto incrível né? Fez *A casa de Vinícius*.

(PM) RODRIGO ROBATTO: *Projetou o Centro de Cultura do interior*, um trabalho muito importante até hoje em dia já toquei em alguns desses teatros. Teatros ótimos, com uma acústica muito boa né? Então, só eu ter esse prazer de tocar num projeto de meu pai, é maravilhoso!

(Sobe som, imagens de arquivos)

(PM) TUZÉ DE ABREU: Tinham recepções, festas muito boas na casa dele, eu fui a muitas, sempre muito alegres, sempre com pessoas interessantes.

(PM) MÁRCIO MEIRELLES: Tinham os penetras né? Como eu. No princípio, depois eu fui convidado.

(PM) CHICO LIBERATTO: Eu tava sempre na casa de Lia, e tava sempre os dois juntos. E Silvio muito amável.

(PM) BETH RANGEL: Ele chamava ela de Dona Lia, Dona Lia e ele era muito... Primeiro que ele amava né? Bastante. E assim, era muito apaixonado a forma como ele, e, tinha uma coisa de uma cumplicidade muito grande entre eles né?

(PM) LIA ROBATTO: O tempo que eu vivi com Silvio foi um tempo precioso, maravilhoso. Então em vez de eu chorar o que eu perdi com a morte dele, eu tento valorizar o que eu ganhei "naquele tempo".

(PM) MÁRCIO MEIRELLES: Ah... era lindo e ainda continua a ser lindo. Silvio continua com Lia e Lia continua com Silvio.

(Sons e imagens de arquivo)

(V.O) LIA ROBATTO: Juntando a paixão por Silvio, a paixão pela cidade, eu fiquei louca pela Bahia. Louca! Pra mim foi uma descoberta. E a perspectiva de um trabalho dentro da universidade, que lá em São Paulo, até hoje a USP não tem curso de dança.

(V.O) PEDRO ROBATTOE ai a fundação dessas Escolas de Artes, pelo reitor Edgard Santos e a vinda dessas pessoas né? Da Unhaca, Lina Bo Bardi, Martin Gonçalves, Koellreutter, Viderman.

(V.O) MURILLO RIBEIRO: E foram pessoas que propiciaram...

(PM) MURILLO RIBEIRO: um início das Escola de Arte. A Escola de Belas Artes é muito mais antiga, mas também teve seu empurrão. E daí saíram os **escuentes**.

(Lia Robatto entrando na escola de Teatro da UFBA)

(V.O) LIA ROBATTO: Para mim a coisa mais importante foi a convivência com os artistas que vieram para a fundação dessas 3 Escolas.

(PM) LIA ROBATTO: Eu vivia nas Escola de Teatro, vivia na Escola de Música. Eles vinham assistir os nossos ensaios e claro que essa ligação toda criava vínculos.

(PM) MARCIO MEIRELLES: A Bahia pulsava desse contato com o exterior, é com um pensamento com inteligência contemporânea de vanguarda, avançada, ideias avançadas e esse momento, gerou o Cinema Novo, Tropicália, Teatro Vila Velha.

(PM) SUKI GUIMARÃES: E Unhaca, diferente de todos os outros diretores que convidam professores formados, ela convida esse grupo de alunas né? Pra vir, pra Bahia, como assistentes dela.

(PM) LIA ROBATTO: Daí, voltei pra São Paulo e perguntei para os meus pais se eles me permitiram. E eles toparam, com tanto que eu continuasse os estudos.

(PM) BETH RANGEL: Naquele momento ela foi precursora, ela estava junto de um grupo que tava implantando uma escola, que tava criando um currículo.

(PA) LIA ROBATTO: Eu não podia dar aula pra uma universidade que eu não tinha diploma, né? Não era formada. Daí eu dava aula nos cursos preparatórios, ajudava a Unhaca em tudo!

(V.O) LIA ROBATTO: Eu ao mesmo tempo me inscrevi e comecei a fazer o curso junto com a primeira turma de graduação da Escola de Dança. Eu me formei aqui!

(PM) LIA ROBATTO: E só então eu comecei a dar aula para o curso universitário.

(PM) BETH RANGEL: Ela foi minha professora de coreografia em grupo.

(V.O) BETH RANGEL: E aí ela começa a ter processos de criação na coreografia.

(PM) LIA ROBATTO: Eu me tornei coreografa para poder dançar. Eu adorava dançar, dançava com a Unhaca e me realizava completamente como intérprete.

(PM) SUKI GUIMARÃES: Depois Unhaca vai embora e ela assume um pouco algumas criações.

(PM) LIA ROBATTO: Eu não me adaptei com nenhum outro coreógrafo. Não gostava.

(V.O) LIA ROBATTO: É...então, eu falei, então eu vou coreografar para poder dançar. Eu nunca fiz dança ilustrativa. Eu não fazia nada do típico, do clichê. Eu estímulo muito a colaboração criativa do interprete. O interprete autor.

(PM) PEDRO ROBATTO: Ela tem obviamente as ideias predeterminadas, mas a medida que o processo vai sendo feito, ela vai captando o que cada pessoa pode ajudar.

(PM) SUKI GUIMARÃES: É um corpo que interage o tempo inteiro com as ideias que ela leva. E ela absorve as ideias também que esse dançarino trás.

(PM) BETH RANGEL: Essa ideia de você dançar o que o outro fez, com Lia não tem.

(PA) SUKI GUIMARÃES: Então ela tem essa competência enorme de extrair de você o que você nem sabe que pode dar.

(PM) LIA ROBATTO: Então eu ia procurar a essência.

(PA) SUKI GUIMARÃES: Teve essa enorme contribuição que foi do experimentalismo mesmo. D, da pesquisa da linguagem artística, da inovação.

(PA) BETH RANGEL: Sempre acreditar que o processo de criação é coletivo. Isso foi uma coisa que ela deixou em mim muito forte, trabalho compartilhado, trabalho em rede. Certo? Então, valorar demais o processo, ao invés do produto só de você ficar percorrendo atrás daquele resultado.

(V.O) SUKI GUIMARÃES: Em 1965 ela cria o seu primeiro espetáculo, assim, maior né? Um espetáculo inteiro que é o *Espetáculo Experimental* que dá origem ao grupo que ela vai ter durante toda a vida praticamente, chama "Grupo experimental de dança."

(Sobe som, imagens de arquivo)

(PM) LIA ROBATTO: Eu procurava temas que falassem dessa terra.

(V.O) LIA ROBATTO: E no começo eu comecei com o Barroco. As imagens dos santos Barrocos das igrejas católicas do período Barroco, você vê um planejamento que parece que eles estão no meio do vento, tem todo um...

(PM): LIA ROBATTO: "Drapeamento", um movimento. Não é estático.

(PM) MÁRCIO MEIRELLES: Mas uma imagem que ficou era uma imagem da Pietá que se não me engano era ela quem fazia.

(V.O) MÁRIO MEIRELLES: Aquela mulher ali, com um véu que significava o corpo de Cristo, que significava toda essa coisa do imaginário, da mãe que acolhe a morte.

(Sobe e som e imagens de Barroco II)

(PM) LIA ROBATTO: *Invenções*, foi de uma época em que eu...
Imagens do espetáculo *Invenções*

(V.O) LIA ROBATTO: Radicalizei minhas propostas, e abordagens de linguagem. E eu ia me inspirar no cinema universal, no cinema brasileiro e no teatro Brasileiro que estava acontecendo aqui. Eu tava encantada. Daí eu falei, eu quero outra coisa. Eu não sei eu o que eu quero, eu quero outra coisa. Daí eu comecei a misturar e comecei a buscar outro tipo de movimentação, outro tipo de dinâmica, outro tipo de...

(PM) LIA ROBATTO: *Mise-in-place*, em cena. O... Outra... outros conceitos mais sujos.

(V.O) LIA ROBATTO: Mais informal, mais fragmentado, menos lógico. A gente criava pequenas ceninhas. Pequenas cenas, este... como se fossem células, coreográficas. E daí cada dia, a gente armava "numa" hora diferente essas células e via em que dava.

(PM) LIA ROBATTO: Depois eu, comecei a me voltar para o sertão da Bahia. Que descobri que Bahia não é só Salvador.

(V.O) LIA ROBATTO: Daí eu lembro que eu inventei de fazer uma coreografia e eu era Antônio Conselheiro. Eu acho engraçado quando eu penso isso. Ou, eu fazendo um papel masculino e que papel! Antônio conselheiro. Eu fui buscar imagine a figura mais...

(PM): LIA ROBATTO: Emblemática do sertão dá fé católica, da revolta.

(V.O) LIA ROBATTO: Mais tarde, eu, remontei isso e chamei *Os Sertões*. Eu antes de começar a ensaiar, antes de chamar o elenco de bailarinos, eu passava 3, 4 meses estudando. Fui com o Silvio lá pra, pra... Monte Santo, conhecer... conhecer o Agreste, conhecer o deserto, aquela caatinga braba.

(V.O) TUZÉ DE ABREU: Ela opta por uma linguagem moderna, ela jamais,

(PM) TUZÉ DE ABREU: usa retórica antiga.

(PM) LIA ROBATTO: E... daí eu fiz uns 3 ou 4 espetáculos em cima de *Sertão*.

(PM) CHICO LIBERATTO: Nós... montamos uma peça dela

(V.O) CHICO LIBERATTO: Que tava baseada também em um trabalho que a gente tava fazendo *Sertania*. Que era trazer essa coisa do sertão, né. Por que a gente via nas televisões, tudo, no audiovisual, a música estrangeira. Mas *Sertania*, música catingueira mesmo né?

(Sobe o som, imagem de arquivo)

(PM) DINA TOURINHO: O que me encanta é a forma, essa forma como ela junta a questão musical, como ela arrisca, as questões corpóreas

(V.O) DINA TOURINHO: Que as imagens de passagens são muito... muito lindas, muito emblemática e... e os momentos de... a forma como trabalha a questão da música né, em movimento.

(Sobe som e imagens de *Sertania*)

(PA) SUKI GUIMARÃES: M'Boiuna eu pude dançar e foi

(V.O) SUKI GUIMARÃES: Um dos espetáculos mais bonitos que ela fez.

(V.O) TUZÉ DE ABREU: Ele é uma síntese, de... da coisa do, do boiadeiro nordestino, do, da... da cultura do boi no nordeste.

(Sobe o som e imagens de arquivo de M'Boiuna)

LIA ROBATTO: Eu sou encantada até hoje com ritos.

LIA ROBATTO: Toda cultura tem necessidade do sagrado. Tem necessidade da transcendência né? E eu sempre busquei nessa cultura, o que é transcendência.

(V.O) SUKI GUIMARÃES: Eles iam explorando espaço, iam né? Uma arquitetura linda, de um lugar colonial e trazendo um... um... é uma estética muito provocativa, e questões muito provocativa em relação ao corpo, a família, as relações sociais, o ritual ia se transformando pra um ritual hiper contemporâneo, psicodélico, e com êxtases diferenciados.

(PM) LIA ROBATTO: Meu êxtase espiritual vem com a arte, com o movimento, eu não preciso de uma igreja pra... mas eu admiro o que acontece numa igreja católica, com os seus féis.

LIA ROBATTO (V.O): Como eles, se elevam.

(Sobe som e imagem do espetáculo *Vertigem no Sagrado*)

(PM) SUKI GUIMARÃES: Tem *Bolero* né? Que ela fez foi uma montagem, pra o corpo de baile, no teatro Municipal de São Paulo.

(Sobe som e imagens do espetáculo *Bolero*)

(V.O) LIA ROBATTO: Tudo o que eu queria! Já pensou você como coreógrafa, ser convidada pra montar um coreografia onde eles lhe dão bailarinos, eu não tenho que pagar, saber se ganham ou se não ganham, se tão doente, se não tão doentes. Não é meu problema. Horário de sala total, full time pra você sem problema. Tudo era de bandeja me oferecido. Eu queria sim, eu tava no céu, tudo o que eu quero.

(PM) LIA ROBATTO: Só que os bailarinos não estavam acostumados a trabalhar da maneira como eu trabalho. Eles estavam acostumados com o coreógrafo chegar, mostrar na frente deles os passos...

Imagens do espetáculo Bolero

(V.O) LIA ROBATTO: Eles memorizarem, daí o coreógrafo ia distribuindo no espaço e tal. Então, Isso foi um aprendizado pra eles. Mas eu, eu tenho uma boa didática pra... o coreógrafo tem que ser professor também né? E eu consegui, ir libertando eles, por que eles tavam muito, rígidos em só copiar o que lhes era dado né. Eles começaram a criar e foi muito bom. Então os bailarinos começavam lá nos camarotes, lá em cima, algumas cenas, depois vinham dançando, pela plateia, com o ritmo.

(PM) LIA ROBATTO: E com músicas que eu pesquisei, que talvez tivessem influenciado a véu.

(V.O) SUKI GUIMARÃES: Era um espetáculo lindíssimo, que também foi executado tanto no Teatro, mas depois foi para o metrô e praça públicas.

(Sobe sons e imagens do espetáculo Bolero)

(PM) LIA ROBATTO: Salomé foi um processo difícil!

(V.O) LIA ROBATTO: Eu viajei no tema e falei: "Mas eu não vou poder fazer isso sozinha, vou precisar de um diretor de Teatro para trabalhar comigo".

(V.O) MÁRCIO MEIRELLES: A gente tava no Rio em uma excursão que com o Baal e de repente, alguém liga. Lia Robatto!

(PM) MÁRCIO MEIRELLES: Na casa que eu tava hospedado, não sei como ela conseguiu meu telefone, nunca perguntei eu acho. E... e ai ela fez o convite para o meu grupo, o *Avelãs e avestruz* na época e... pra eu dirigir com ela.

(PM) LIA ROBATTO: Era um jovem, tava começando, mas eu já vi nos espetáculos de Márcio a... todo talento que ele tem né?

(V.O) LIA ROBATTO: Eu falei: "Esse cara vai me ajudar!" . Brigamos como o que, mas foi ótimo!

(V.O) MÁRCIO MEIRELLES: E a relação foi muito, é... enriquecedora pra mim. E *Salomé* que era um tema que eu é... também gostava muito né? Dessa coisa do, do... do corte da palavra. Do... do... de silenciar o profeta e... através do... da beleza, da sensualidade, de Eros né? Essa, Eros e

Thanatos juntos no mesmo... no mesmo tema, era uma coisa que me interessava muito.

(V.O) LIA ROBATTO: E a gente misturava dança, Teatro, onde entrava dança e saía Teatro era tão natural que não se sentia separação de um ou outro.

(Sobe som. Lia dirigindo os dançarinos)

(V.O) LIA ROBATTO: É um desafio pra mim, assim, o que é que eu vou mostrar, da minha dança, que eu não posso mostrar no palco. O que que... que vai enriquecer, que pode enriquecer?

(PG) CÂMERA MAN: Deixa eu te fazer uma pergunta?

(PG) LIA ROBATTO: Diga!

(PG) CÂMERA MAN: Repete esses movimentos, só para eu entender a ótica dela é dentro de uma perspectiva de lente. Eu queria entender como é a sua acuidade visual dentro de um plano fechado.

(PG) LIA ROBATTO: Eu quero assim, aquilo que nós coreógrafos, não conseguimos mostrar pro público, que é essa relação minimalista de... de

(PG) CÂMERA MAN: Próximo!

(V.O) LIA ROBATTO: Da proximidade da relação sensorial, do corpo com o corpo. Então é isso que eu quero. Se eles estão se tocando, eles se tocam para tomar espaço né? O importante é o espaço que vem.

(PG) CÂMERA MAN: Veja aqui, veja aqui.

(PG) LIA ROBATTO: Isso!

(PG) CÂMERA MAN: É isso?

(PG) LIA ROBATTO: Isso!

(PG) CÂMERA MAN: Pronto.

(V.O) LIA ROBATTO: Isso. Porque o que eu quero dar é o que eu não posso dar no palco.

(CONTRA-PLONGÉE) LIA ROBATTO: Quer dizer, eu gostaria de trabalhar muito mais pra aprender, mais, já é uma experiência.

Vinheta de comercial

BLOCO 02

Tela preta, "Bloco 02" 27:20 - 28:05

Vinheta de volta do comercial.

Sons de música

(V.O) 28:05 : Foi um momento, difícil pro país, como talvez esse que a gente tá passando agora, de outra, talvez de outra...de outra natureza.

(PM) SUKI GUIMARÃES: Quem viveu essa época, viveu a dureza de não poder falar o que se queria.

(PM) CHICO LIBERATO: Más o nós e os outros artistas, não tava ai pra deixar de fazer. Porquê tinha uma Ditadura que.. sabe, de vez em quando pegava um, prendia, levava, interrompia e depois a gente continuava fazendo.

(PM) TUZÉ DE ABREU: Tinha necessidade de se contestar, e se fazia muita coisa por causa disso.

(PM) MÁRCIO MEIRELLES: Então foi um momento também muito, muito cheio de coisa, muito cheio de música, muito cheio de Teatro.

(PM) SUKI GUIMARÃES: Eu acho que esse momento, onde você não pode falar é que dar vontade de falar né?

(PM) LIA ROBATTO: A gente tinha que fazer a... a... o ensaio pra censura, pra ver se passava, ou não passava. Porque música, literatura, teatro mandava o texto, o nosso não tinha texto. Quase não tinha texto.

(PM) MÁRCIO MEIRELLES: Ai a gente tinha que mandar o texto, e o texto tinha que voltar com corte ou sem corte. E você tinha que fazer o ensaio do sensor.

(PM) LIA ROBATTO: A censura na dança era só mais moral, eles não percebiam os lances políticos que tinham.

(PM) SUKI GUIMARÃES: Então a gente sofria muito a censura do corpo. O nu, geralmente ele era vetado. Os sensores não entendiam. Não entendiam as nossas metáforas.

(PM) MÁRCIO MEIRELLES: E ai eles liberava ou não liberava, definia a idade, definia uma série de coisas e você tinha que adaptar o seu.. o seu espetáculo a isso.

(PM) SUKI GUIMARÃES: O trabalho de Lia foi contaminado, por esse estado de tenção vamos dizer assim.

(PM) LIA ROBATTO: Eu nunca fiz Arte propriamente engajada.

(PM) PEDRO ROBATTO: Ela, é.. não falava abertamente, que era contra ao sistema. Mas sim ela fazia, em forma de Arte o projeto de protesto.

(PM) LIA ROBATTO: Todas as minhas coreografias desse período falavam em liberdade. Falava em revolução, falava em quebra de paradigmas e em luta.

(Sobe o som e imagens de Mobilização)

(V.O) LIA ROBATTO: *Mobilização* já é um nome, né? Que... que seria questionada.

(V.O) MURILLO RIBEIRO: Começava no foyer do Teatro, os dançarinos dentro do aquário que é o foyer e depois desciam, entravam pelo serviço do Teatro. Se corria camarim, salas de ensaio.

(V.O) LIA ROBATTO: E a gente fazia com que o público caminhasse, sem saber por onde ele tava caminhado porque é o espaço tava todo transformado.

(PM) DINA TOURINHO: Com ambientações mais variadas, as danças de Lia sempre teve uma coisa de interagir também com a questão das artes plásticas, então em cada ambiente uma sensação, uma percepção.

(PM) LIA ROBATTO: E eu, deixava entrar, bloco... de umas 80, expectadores por vez. Então esses 80 seguiam um roteiro. Quando esse roteiro tava aqui, já tava entrando outro. Quando esse tava aqui, já tava entrando o terceiro. Então era 80, 80 mais 80.

(V.O) LIA ROBATTO: Foi um trabalho de... de... minucioso de cronograma. Todos os bailarinos de relógio de pulso.

(V.O) BETH RANGEL: Então a gente sabia que 7:54 tinha que tá na sala tal, na esquina tal, na curva tal. 8:10, então tudo cronometrado. O grupo tal, o duo acontece, a porta se fecha.

(V.O) MURILLO RIBEIRO: E passava sobre a censura na época, a censura era impetuosa. E também sobre a...

(PA) MURILLO RIBEIRO: Autocensura. Era um ovo na gaiola a ideia e todos os pássaros na mão.

(PM) LIA ROBATTO: Os censores não entenderam, o que era o ovo numa gaiola, e ele fez o desenho de um ovo numa gaiola. O ovo na gaiola é o pensamento, a autocrítica que o artista tinha e se auto censurava antes de chegar na própria censura.

(PM) SUKI GUIMARÃES: Tinha uma cena que era uma...

(V.O) SUKI GUIMARÃES: Uma... passeata, com cartazes, onde os dançarinos, tinham uma mordança, tinham vendas, era um pouco simbólico dessa situação.

(V.O) LIA ROBATTO: Depois tinha uma hora que todos os telespectadores, se juntavam no palco.

(V.O) BETH RANGEL: O palco tava todo suspenso, aquela área enorme e as pessoas sem nada, sem nenhum bailarino, sem nada e eles meio perdidos no palco. Cortina fechada, eles sem saber onde tava, aquela situação. Ai começa a descer, de cima umas gaiolas enormes, de corda e madeira e vai fechando.

(PM) LIA ROBATTO: Depois eu, abria a cortina e os espectadores todos em pé dentro do palco ai eles de repente descobrem uma plateia vazia, aquela plateia vazia. Daí de trás das cadeiras, surgiam alguns bailarinos que começavam a fazer discurso, mais em língua de trapo. Eu não podia falar nada né?

(Sobe som de batuques, Lia caminhando na praça do campo grande)

MÁRCIO MEIRELLES: Esse espetáculo *Ao Pé do Caboclo*, depois ela fez na Bienal também, era incrível.

(V.O) MÁRCIO MEIRELLES: Era um espetáculo de intervenção urbana genial.

(V.O) MURILLO RIBEIRO: Era uma trabalho de domingo e feriado né... e... muita gente no Campo Grande, um ambiente assim festivo.

(V.O) BETH RANGEL: E eram grupos que saiam de ponto diferentes até se encontrar no... no caboclo mesmo né?

(V.O) MÁRCIO MEIRELLES: Os dançarinos estavam totalmente expostos, né? As pessoas, e as pessoas também... curtindo e vivenciando o trabalho.

(V.O) BETH RANGEL: Sempre essa brincadeira do público, e do artista de você mudar o lugar, fazer com que... que... qual é o meu lugar?

(PM) BETH RANGEL: Quem é que tá assistindo quem?

(PM) LIA ROBATTO: E me inspirei no nosso 2 de Julho. E o nosso 2 de Julho é político, sempre foi. E... mais é Candomblé.

(PM) MÁRCIO MEIRELLES: Foi feito é... num período duro da ditadura, e falava, sobre isso. Falava de alguma forma, sobre a liberdade, sobre o caboclo e sobre as lutas na independência.

(PA) SUKI GUIMARÃES: O *Ao pé do Caboclo* teve montagem para a bienal de São Paulo na época.

(V.O) BETH RANGEL: Que foi um trabalho muito forte, a gente dançava muito com a mão na boca. Dizia as coisas, os pedaços só certo? As coisas, no gesto, na fala, tudo era pedaço, mas quando você juntava tinha, uma... Ela queria dizer alguma coisa naquilo. Era coisas meio cifrada assim.

(V.O) LIA ROBATTO: E a gente foi caminhando pela bienal inteira, aquele, aquele pavilhão de Niemayer, lá no Ibirapuera muito lindo.

(V.O) BETH RANGEL: Literalmente a gente se infiltrava e de repente as cenas iam acontecendo na... próximo as pessoas tomavam aquele susto e a cena se organizava e se desorganizava. De repente tinha uma fila enorme com tiranos não combinam, com tiranos e a gente fazia aquela música do 2 de Julho e de repente dispersava e aí você já tava em outro lugar. Tudo muito rápido.

(V.O) LIA ROBATTO: Tinha uma hora que a gente cantava, a Ote **ao** 2 de Julho. O tema era: Com tiranos não combinam e a gente passa no estande do Chile, que tinham acabado de derrubar a Linde.

(PM) LIA ROBATTO: E tava o novo ditador e daí, a polícia queria prender a gente.

(V.O) LIA ROBATTO: E daí foi toda uma negociação, pra gente explicar que não foi ensaiado, foi coincidência realmente. Uma feliz coincidência.

(V.O) LIA ROBATTO: Eu tentei mostrar o reverso do que eu tinha feito né? A questão toda é do espaço. É a perspectiva de quem vê.

(PM) LIA ROBATTO: A vontade que eu tenho é de ficar no lugar de Cláudio e eu ter a câmera na mão, pra ver como eu poderia mostrar, com que perspectiva.

(Sobe som. Lia Robatto dirigindo os atores)

(V.O) LIA ROBATTO: Pra mim o desafio era: "Vou acrescentar ou só vou documentar?" Será que eu tô propondo alguma coisa que acrescente ou não?

- Memórias, Desafio Lia Robatto, sequência, cena 1, take 1.

(PM) BETH RANGEL: E ainda em determinado momento, ela se encanta pelo campo de educação. Ai sim, educadora.

(V.O) LIA ROBATTO: Eu tive a sorte ser chamada por Anízio Teixeira, para fazer uma experiência, de dança na escola.

(PM) CHICO LIBERATTO: A Arte tem o poder de atrair as pessoas inteligentes e que querem mudar o que não tá certo.

(PM) BETH RANGEL: Esses princípios que você as vezes trabalha no processo artístico, flexibilidade, criatividade, essas questões todas. Quando você tem isso em você, quando você passa pro campo da educação, você é um educador melhor.

(V.O) LIA ROBATTO: Eles gostaram do resultado, e daí aplicaram e me levaram para implantar a dança na Escola Park. E lá na Escola Park, quem me ensinou não foram os professores, nem educadores, nem coordenadores, nada disso, foram os alunos!

(V.O) 38:15 Uma pessoa que trabalha, mulher que usa ferramentas e disponibiliza ferramentas, que divide isso, que atua com.

(PM) LIA ROBATTO: Eu lembro que eu dei uma lição de moral. Os meninos tavam chegando tarde, na... aula. E eu explicando, olha, vocês não podem chegar tarde, porque o corpo precisa aquecer. Por que se você não aquece o corpo e começa no meio da aula, você pode ter uma distensão, pode ter problemas musculares, que vão.. podem te prejudicar até 6 meses ficar com estiramento. Eu explicando toda assim... Daí o menino falou assim: "Professora, eu já vim totalmente quente, porque eu precisei a ajudar minha mãe a ir buscar água, porque na nossa casa não tem água encanada e eu tenho que buscar água no poço não sei das quantas, tenho que subir e descer ladeira, não sei quantas vezes. " Eu cai em mim... e morri de vergonha, de ver que era outra realidade e que eu tinha que saber com que menino eu tava lidando.

(PM) MÁRCIO MEIRELLES: E nisso muitas coisas, né?

(V.O) MÁRCIO MEIRELLES: Ela criou a Escola de Dança da Fundação Cultural.

(V.O) DINA TOURINHO: Que a gente sempre teve aqui em Salvador, essa coisa ou a Escola de Dança da UFBA ou as academias. Que aconteciam privatizadas e de vez quando a coisa da bolsa.

(PM) LIA ROBATTO: E na universidade, apenas dela ser gratuita, ela finda sendo eletrizante. Porque pra você passar no vestibular, você tem que ter tido uma formação muito boa.

(PM) DINA TOURINHO: E eu acho que a ideia da Escola de Dança da Fundação é muito bacana porque é permitir, as pessoas de baixa renda, as pessoas que não tinham condições, de estar nesses lócus particulares, a estarem com a possibilidade de ter uma excelência de ensino, uma qualidade de ensino da dança.

(V.O) LIA ROBATTO: E na época eu não tive muito apoio do estado não. Eu tive apoio da turma de professores, os professores, vum bora Lia, tamo com você. Vamo fazer. E ai eu consegui, que aos poucos, a secretaria não era naquela época de cultura, era de cultura e turismo e... E ai me apoiaram e hoje a escola tá ai, maravilhosa, com mais de 1.500 alunos.

(V.O) DINA TOURINHO: Ele podia tá...

(PM) DINA TOURINHO: Paralelo ao ensino médio, então funcionava com muita gente e a sua formação escolar, experimentando e fazendo. Hoje em dia, colegas de trabalho também vieram dessa escola. E que talvez não tivessem essa oportunidade.

(V.O) LIA ROBATTO: É uma das coisas que eu tenho orgulho de ter criado, é essa escola.

(Sobe o som)

(V.O) DINA TOURINHO: E ai Lia foi convidada, pra montar um grande projeto de uma unidade de dança no projeto axé e me convidou para esse lugar de coordenação pedagógica e professora também com os meninos.

(V.O) LIA ROBATTO: Eu vim ensinar no projeto axé com meninos em situação de rua, daí é que eu fui ver o que é miséria. O desespero de uma... um país com pessoas ainda nessa situação e vim descobrir que maravilha que a dança pode ser usada como instrumento para recuperação, pra resistência, pra dar confiança, autoconfiança no menino, sentido de pertencimento.

(V.O) DINA TOURINHO: Quanto isso foi rico para as nossas vidas em termos de aprendizado de outro universo que não era especificamente o universo da dança, essa área social que envolve tantas questões.

(PM) BETH RANGEL: E essa bagagem toda que ela teve enquanto coreógrafa, trabalhando com grande grupo, sempre com uma visão muito inclusiva, certo? Por que ela não tinha padrões, predeterminados, de que esse dançarino, tem um bom corpo, uma boa técnica, não. Ela trabalhava, com o que cada um tinha de melhor.

(V.O) CHICO LIBERATTO: E a arte tem esse poder, de pegar o conteúdo, e vai atingir uma transformação. É por isso que essa transformação, porque ela vai pegar no pensamento da pessoa.

(V.O) DINA TOURINHO: A arte educa perfis, junto com o trabalho com os educadores também, específicos educadores também, educadores sociais fazem de acolhimento daquele menino, em trabalho escuta. Quando eu voltei com o ballet, alguns desses meninos eram colegas de trabalho.

(V.O) DINA TOURINHO: E isso você sente a verdadeira inclusão, a realização é de você estar vendo artistas, como vão ser os meninos como artista, no mundo, espalhados. Trabalhando com a dança, defendendo essa ideia da arte e do quanto a arte potencializa e transforma essas pessoas.

(V.O) MÁRCIO MEIRELLES: São opções que a gente toma na vida que são políticas, são claramente, é... pontuações de onde a gente quer estar no mundo e que mundo a gente estar.

(V.O) LIA ROBATTO: Se o Brasil, tivesse respeitado Anízio Teixeira, se o Brasil tivesse... realizados projetos de Anízio Teixeira,

(V.O) LIA ROBATTO: Nós teríamos muito menos problemas sociais.

(Sobe o som. Cena de performance)

(V.O) LIA ROBATTO: Tempo, é um elemento importantíssimo, que quem não tiver "timing", campô com o espetáculo. Então você tem que sentir a percepção no tempo. Agora o tempo na minha vida...

(PM) LIA ROBATTO: É uma coisa que eu não sei te dizer. Poxa... cada tempo eu fui uma pessoa.

(Sobe som. Performance)

(V.O) LIA ROBATTO: Eu tenho paciência, de lidar com o que o tempo vai destruir. As perdas que eu vou tendo com o tempo. Tempo é aceitar os ganhos e as perdas. Eu tô na fase de... das perdas. Mas... acho que eu aceito elas. Eu sou uma senhora de 77 anos, e isso...

LIA ROBATTO: Não me dói, quer dizer, dói. Dói o corpo todo. Vocês não sabem o que é ter 77 anos. Dói muito, mas a gente enfrenta.

(Sobe som. Performance)

(PM) LIA ROBATTO: Viver bem, curtir bem, curtir minha família, meus netos e se possível, um ou outro projetinho.

Vinheta final.